“Pirro”

Pirro, filósofo grego, nativo de Elide, no Peloponeso, foi discípulo de Anaxarco e o acompanhou até as Índias (nota: Diógenes Laércio, in *Pirro*, IX, início, 61). Foi, sem dúvida, no séqüito de Alexandre, o Grande, de onde se pode conhecer em que tempo floresceu. Exerceu o ofício de pintor (nota: Diógenes Laércio, in *Pirro*, IX, início, 61) antes de se dedicar ao estudo da filosofia. Seus sentimentos quase não diferiam das opiniões de Arcesilau (A), pois seria preciso muito pouco para que ensinasse a incompreensibilidade de todas as coisas. Ele encontrava por todas as partes, tanto razões para afirmar, como razões para negar, e é por isso que ele retinha seu consentimento depois de ter bem examinado o a favor e o contra e que reduzia todas as suas paradas a um *non liquet*, *seja mais amplamente examinado*. Ele, portanto, buscou a verdade por toda a sua vida, mas se guarnecia sem pré de recursos para não concordar que a tinha encontrado. Ainda que não seja o inventor desse método de filosofar, este não deixa de levar seu nome: a arte de disputar sobre todas as coisas, sem jamais tomar outro partido senão o de suspender o juízo, se chama “pirronismo”, é seu título mais comum. É com razão que é detestado nas escolas de teologia (B), de onde se esforça para tirar novas forças, que são somente quimeras, mas pode ter seus usos para obrigar o homem, pela sensação de suas trevas, a implorar socorro do alto e a se submeter à autoridade da fé (C). Como o que relato (nota: na observação B) de uma conferência em que dois abades disputaram sobre o pirronismo poderia causar desgosto a muitos leitores, destino a esse ponto um bom Esclarecimento que será inserido no final desta obra. Deve-se tomar por brincadeiras de mau gosto ou, antes, por imposturas, os contos de Antígono Caristo (nota: *apud* Diógenes Laércio, IX, 62), que Pirro não preferia nada a nada e que uma carroça e um precipício não o obrigavam a dar um passo atrás ou para o lado e que seus amigos que o seguiam salvaram-lhe a vida freqüentemente. Não há indícios de que ele tenha sido louco a esse ponto (D), mas não se deve duvidar que ele ensinou que a honra e a infâmia das ações, sua justiça e sua injustiça, dependiam unicamente das leis humanas e do costume (nota: Diógenes Laércio, IX, 61). Embora seja abominável, esse dogma decorre naturalmente desse princípio pirrônico, que a natureza absoluta e interior dos objetos nos é escondida e que não se pode estar certo senão do que nos parece a certos respeitos. A indiferença de Pirro era espantosa (E): ele não amava nada e não se irritava com nada (nota: Não tome isso rigorosamente: ele preferia sem dúvida a

saúde à doença etc.), e nenhum homem jamais esteve tão persuadido quanto ele da vaidade das coisas (F). Quando falava, pouco lhe importava se o escutassem ou não o escutassem, e, ainda que seus ouvintes se fossem, não deixava de continuar (nota: Diógenes Laércio, IX, 62). Ele arrumava a casa com sua irmã e partilhava com ela os menores cuidados domésticos (G). Aqueles que dizem que ele obteve a cidadania de Atenas por ter matado um rei da Trácia se enganam grosseiramente (H). Não tenho muitos reparos a fazer ao sr. Moréri (I).

A igualdade que ele colocava entre a vida e a morte (nota: ver a observação E) foi elogiada por Epíteto, que, de resto, desprezava extremamente o pirronismo (K).

(A) *Seus sentimentos quase não diferiam das opiniões de Arcesilau*. Se eu seguisse pontualmente Ascânio de Abdera, eu diria que não há nenhuma diferença entre esses dois filósofos. “Ele parece ter filosofado da maneira mais nobre, tendo introduzido o modo da ininteligibilidade e da suspensão do juízo, como o diz Ascânio de Abdera”[1]. Isso é afirmar claramente que, segundo Pirro, a natureza das coisas é incompreensível; ora, esse é o dogma de Arcesilau. Contudo, eu prefiro deixar entre eles alguma diferença, porque o espírito dos pirrônicos não supõe formalmente a incompreensibilidade. Foram chamados de céticos, zetéticos, eféticos, aporéticos[2], isto é, examinadores, investigadores, suspensivos, duvidadores. Tudo isso mostra que eles supunham que é possível encontrar a verdade e que eles não decidiram que era incompreensível. Você encontrará em Aulo-Gélio que eles condenavam aqueles que afirmavam que ela o é. Essa é, segundo esse autor, a diferença dos pirrônicos e dos acadêmicos[3], em todo o resto eles se assemelham perfeitamente e se davam uns e outros os nomes que relatei[4]. “Ainda que tanto os pirrônicos como os acadêmicos dizem isso de modo semelhante, contudo estimou-se que eles diferem entre si por várias razões e, sobretudo, por esta: os acadêmicos compreendem de alguma maneira o fato mesmo que nada pode ser compreendido e que discernem de alguma maneira que nada pode ser discernido, enquanto, para os pirrônicos, o fato mesmo que nada parece verdadeiro

[1] Diógenes Laércio, livro IX, número 62.
[2] Veja Gassendi, em seu *Livro introdutório à filosofia em geral*, capítulo VIII, p. m. 24. Veja, também, Auo-Gélio, livro XI, capítulo V.
[3] Entenda-se aqueles da segunda academia fundada por Arcesilau.
[4] Aulo-Gélio, livro XI, capítulo V.

não pode de maneira nenhuma parecer verdadeiro."[5] Sexto Empírico encontrou outra diferença[6]: Arcesilau pretendia que a suspensão fosse naturalmente boa e que a afirmação fosse naturalmente má, mas, segundo Pirro, essas o eram somente em aparência. No fundo, um não era a favor da dúvida com mais ardor do que o outro e nada seria mais fácil que de colocá-los de acordo. Seria preciso somente pedir-lhes que se explicassem clara e sinceramente[7].

(B) *É com razão que* o pirronismo *é detestado nas escolas de teologia*. É com relação a essa ciência divina que o pirronismo é perigoso, pois não se vê que o seja, nem com relação à física, nem com relação ao Estado. Pouco importa que se diga que o espírito do homem é muito limitado para nada descobrir nas verdades naturais, nas causas que produzem o calor, o frio, o fluxo do mar etc. Deve bastar-nos que se exerça na busca das hipóteses prováveis e a recolher experiências, e estou muito seguro de que existem muito poucos bons físicos em nosso século que não estejam convencidos de que a natureza é um abismo impenetrável e que suas molas são conhecidas somente por aquele que as fez e as dirige. Assim, todos esses filósofos são, a esse respeito, acadêmicos e pirrônicos. A vida civil não tem nada a temer desse espírito, pois os céticos não negavam que é preciso se conformar aos costumes de seu país, praticar os deveres da moral e tomar partido nessas coisas com base nas probabilidades, sem atingir a certeza[8]. Eles podiam suspender o juízo sobre a questão se um tal dever é natural e absolutamente legítimo, mas não o suspendiam sobre a questão se era preciso praticá-lo em tais e tais circunstâncias. Portanto, somente a religião deve temer o pirronismo: esta deve estar apoiada sobre a certeza, seu fim, seus efeitos, seus usos desmoronam logo que a firme persuasão de suas verdades é apagada da alma. Mas, de outro lado, há motivos para sair da inquietude: somente existiu, e somente existirá, um pequeno número de pessoas capazes de serem enganadas pelas razões dos céticos. A graça de Deus nos fiéis, a força da educação nos outros homens e, se você quiser mesmo, a ignorância[9] e a inclinação natural a decidir são um escudo impenetrável aos

[5] Aulo-Gélio, livro XI, capítulo V.
[6] Veja Vossius, *Das seitas dos filósofos*, p. 107.
[7] Veja a passagem de Aristócles, *apud* Eusébio, *Preparação evangélica*, livro XIV, citado por Vossius, *ibid*, p. 106.
[8] Veja Diógenes Laércio, no fim da *Vida de Pirro*.
[9] É uma palavra de Simônides, essas pessoas não são suficientemente finas para serem enganadas por um homem como eu. Balzac dizia a mesma a mesma coisa das moças de sua cidade. Agesilau se queixava de ter

traços dos pirrônicos, ainda que esta seita se imagina que ela é, hoje, mais temível do que o era antigamente. Ver-se-á sobre o quê ela funda essa estranha pretensão.

Há cerca de dois meses um homem hábil me falou muito amplamente de uma conferência a que ele tinha assistido. Dois abades, dos quais um sabia somente sua rotina e o outro era bom filósofo, se esquentaram pouco a pouco de tal maneira na disputa que pensaram em querelar a sério. O primeiro tinha dito, muito friamente, que ele perdoava aos filósofos pagãos de ter flutuado na incerteza das opiniões, mas que ele não podia compreender como, sob a luz do Evangelho, ainda existem miseráveis pirrônicos. Você está errado, respondeu-lhe o outro, em raciocinar dessa maneira. Arcesilau, se voltasse a este mundo e tivesse de combater nossos teólogos, seria mil vezes mais terrível do que o foi para os dogmáticos da Grécia antiga: a teologia cristã lhe forneceria argumentos insolúveis. Todos os assistentes ouviram isso com muita surpresa, pediram a esse abade que se explicasse mais e não duvidaram de que lhe teria escapado um paradoxo que somente revelaria uma confusão sua. Eis o que ele respondeu, dirigindo-se ao primeiro abade. "Renuncio às vantagens que a nova filosofia acaba de proporcionar aos pirrônicos. Mal se conhecia o nome de Sexto Empírico nas escolas, os meios da *épochê* que ele propôs tão sutilmente não eram nessas menos conhecidos que a Terra Austral, quando Gassendi[10] nos deu deles um resumo que nos abriu os olhos. O cartesianismo deu a última mão à obra e ninguém entre os bons filósofos ainda duvida de que os céticos têm razão de sustentar que as qualidades dos corpos que atingem nossos sentidos são somente aparências. Cada um de nós pode dizer 'eu sinto calor na presença do fogo', mas não 'eu sei que o fogo é em si mesmo tal como me parece'. Eis qual era o estilo dos antigos pirrônicos. Hoje, a nova filosofia tem uma linguagem mais positiva: o calor, o odor, as cores etc. não estão nos objetos de nossos sentidos, são modificações de minha alma, sei que os corpos não são como me parecem. Gostar-se-ia de excluir a extensão e o movimento, mas não se pode, pois, se os objetos dos sentidos nos parecem coloridos, quentes, frios, cheirosos, embora não o sejam, por que não poderiam parecer extensos e figurados, em repouso e em movimento, ainda que não tivessem nada disso[11]? Ademais, os objetos dos sentidos não

---

de lidar com inimigos que não entendiam de guerra, suas astúcias eram inúteis, ele não podia enganar tropas mal aguerridas. Veja Plutarco, em sua *Vida*, perto do fim.

[10] Em seu livro *de fine Logicae*, capítulo III, p. 72 e ss. Do volume I de suas *Obras*, ed. de Lyon, 1658.

[11] O abade Foucher propôs essa objeção em sua *Crítica da busca da verdade*. O padre Malebranche não lhe respondeu. Ele sentiu a força dela. Veja a próxima citação.

poderiam ser a causa de minhas sensações. Eu poderia, portanto, sentir o frio e o calor, ver as cores, as figuras, a extensão, o movimento, ainda que nenhum corpo existisse no universo. Não tenho, portanto, nenhuma boa prova da existência dos corpos[12]. A única prova que pode ser dada para mim deve ser tirada de que Deus não me enganaria, se ele imprimisse em minha alma as idéias que tenho do corpo, sem que de fato existissem corpos[13], mas essa prova é muito fraca, ela prova muito. Desde o começo do mundo todos os homens, com exceção de um em duzentos milhões, acreditam firmemente que os corpos são coloridos, e isso é um erro. Pergunto: Deus engana os homens com relação a essas cores? Se ele os engana a esse respeito, nada impede que ele não os engane a respeito da extensão. Esta última ilusão não seria menos inocente, nem menos compatível que a primeira com o Ser soberanamente perfeito. Se ele não os engana quanto às cores, isso será sem dúvida por que ele não os leva invencivelmente a dizer "essas cores existem fora da minha alma", mas somente "me parece que existem aí cores". Sustenta-se a mesma coisa a respeito da extensão, Deus não lhe leva invencivelmente a dizer "existe", mas somente a julgar que você a sente e que lhe parece que existe. Um cartesiano não tem mais dificuldade em suspender seu juízo sobre a existência da extensão do que um camponês em se impedir de afirmar que o Sol luz, que a neve é branca etc. É porque se nós nos enganamos ao afirmar a existência da extensão, Deus não será a causa disso, visto que, segundo você, ele não é a causa dos erros desse camponês. Eis as vantagens que esses novos filósofos proporcionaram aos pirrônicos e às quais quero renunciar."

Imediatamente, o abade filósofo declarou ao outro que, para esperar alguma vitória sobre um cético, é preciso provar-lhe, antes de tudo, que a verdade é certamente reconhecível por algumas marcas. Essas são chamadas ordinariamente de *criterium veritatis*. Você, com razão, sustentará que a evidência é a característica segura da verdade, pois, se a evidência não fosse essa característica, nada o seria. "Seja, ele lhe responderá, é aí onde eu lhe espero, eu lhe mostrarei que você rejeita como falsas coisas que são da máxima evidência. I) É evidente que as coisas que não são diferentes de uma terceira não diferem entre si[14]; essa é a base de todos os nossos raciocínios, é sobre isso que fundamos

[12] O padre Malebranche mostra, em um Esclarecimento na *Busca da verdade*, que é muito difícil provar que existem corpos e que somente a fé pode nos convencer que efetivamente existem corpos.
[13] Veja o capítulo XXVIII do tratado do sr. Arnauld, *As verdadeiras e as falsas idéias*, em que se refuta o dito Esclarecimento do padre Malebranche por razões extraídas desse fonte.
[14] *Quae sunt idem uni tertio sunt idem inter se* [tradução feita por Bayle no corpo do texto].

todos os nossos silogismos e, contudo, a revelação do mistério da Trindade nos assegura que esse axioma é falso. Invente tantas distinções quantas lhe agradarem, você jamais mostrará que essa máxima não é desmentida por esse grande mistério. II) É evidente que não há nenhuma diferença entre indivíduo, natureza, pessoa, contudo o mesmo mistério nos convenceu de que as pessoas podem ser multiplicadas sem que os indivíduos e as naturezas cessem de ser únicos. III) É evidente que, para fazer um homem que seja real e perfeitamente uma pessoa, basta unir juntos um corpo humano e uma alma racional. Contudo, o mistério da Encarnação nos ensinou que isso não basta. Donde se segue que, nem você, nem eu poderíamos estar certos se somos pessoas, pois, se fosse essencial a um corpo humano e a uma alma racional unidos juntos constituir uma pessoa, Deus jamais poderia fazer com que eles a constituíssem. É preciso, portanto, dizer que a personalidade lhe é puramente acidental. Ora, todo acidente é separável de seu sujeito de diversas maneiras. Portanto, é possível a Deus nos impedir, por diversos meios, de ser pessoas, ainda que sejamos compostos de alma e corpo. E quem nos assegurará que ele não se serve de algum desses meios para nos despojar da personalidade? Está ele obrigado a nos revelar todas as maneiras de que dispõe de nós? IV) É evidente que um corpo humano não pode estar em vários lugares ao mesmo tempo e que sua cabeça não pode ser penetrada com todas suas outras partes sob um ponto divisível e, contudo, o mistério da Eucaristia nos ensina que essas duas coisas ocorrem todos os dias[15]. Donde se segue que, nem você, nem eu, poderíamos estar certos se somos distintos de outros homens e se não estamos agora no serralho de Constantinopla, no Canadá, no Japão e em cada cidade do mundo, sob diversas condições em cada lugar. Deus, não criando nada em vão, criaria vários homens, quando somente um, criado em diversos lugares e revestido de diversas qualidades segundo os lugares, poderia bastar-lhe? Essa doutrina nos faz perder as verdades que encontrávamos nos números, pois não se sabe mais o que é dois e três, não sabemos o que é a identidade, a diversidade. Se julgamos que João e Pedro são dois homens, é por que os vemos em diversos lugares e um não tem todos os acidentes do outro. Mas, pelo dogma da Eucaristia, esse fundamento da distinção é inteiramente nulo. Talvez exista somente uma única criatura no universo multiplicado pela produção em diversos lugares e pela diversidade das

[15] Note que é um abade que fala. Sou obrigado a acrescentar aqui essa observação nesta segunda edição, porque soube que várias pessoas da Religião ficaram chocadas em ver o mistério da Trindade e o da Encarnação colocados na mesma categoria com o dogma da presença real e o da transubstanciação.

qualidades, fazemos grandes regras de aritmética, como se existissem muitas coisas distintas[16]. Tudo isso são quimeras. Não somente não sabemos se há dois corpos, ignoramos mesmo se há um corpo e um espírito, pois, se a matéria é penetrável, é claro que a extensão é somente um acidente do corpo e, assim, o corpo, de acordo com sua essência, é uma substância não extensa. Ele pode, portanto, receber todos os atributos que se concebem no espírito, o entendimento, a vontade, as paixões, as sensações. Logo, não há mais regras que nos façam discernir se uma substância é espiritual por sua natureza ou se é corporal. V) É evidente que os modos de uma substância não podem subsistir sem a substância que modificam e, contudo, o mistério da transubstanciação nos mostrou que isso é falso[17]. Isso confunde todas as nossas idéias, não há mais meios para definir a substância, pois, se o acidente pode subsistir sem nenhum sujeito, a substância, por sua vez, poderá subsistir dependentemente de outra substância à maneira dos acidentes; o espírito poderá subsistir à maneira dos corpos, como na Eucaristia o matéria existe à maneira dos espíritos: estes poderão ser impenetráveis, como a matéria é penetrável. Ora, se, passando das trevas do paganismo para a luz do Evangelho, aprendemos a falsidade de tantas noções evidentes e de tantas definições certas[18], o que acontecerá quando passarmos das obscuridades desta vida para a glória do paraíso? Não é bem aparente que aprenderemos a falsidade de mil coisas que nos parecem incontestáveis? Aproveitemos da temeridade com a qual aqueles que viviam antes do Evangelho nos afirmaram como verdadeiras certas doutrinas evidentes, das quais os mistérios de nossa teologia nos revelaram a falsidade.

Passemos à moral. I) É evidente que se deve impedir o mal se possível e que se peca, se o permitimos, quando se pode impedi-lo. Contudo, nossa teologia nos mostra que isso é falso, ela nos ensina que Deus não faz nada que não seja digno de sua perfeição quando sofre todas as desordens que existem no mundo e quando lhe seria fácil prevenir. II) É evidente que uma criatura que não existe não poderia ser cúmplice de uma má ação. III) E que é injusto puni-la como cúmplice dessa ação. Entretanto, nossa doutrina do pecado original nos mostra a falsidade dessas evidências. IV) É evidente que se deve preferir o

[16] Note que, se um corpo pode ser produzido em vários lugares, todo outro ser, espírito, lugar, acidente etc. poderá ser igualmente multiplicado e, assim, não se terá uma multidão de seres, reduzir-se-á tudo a um único ser criado.

[17] Veja a nota marginal (15).

[18] Os que sustentam a transubstanciação colocam a essência da matéria na faculdade de receber a extensão e, assim, a essência de todas as coisas: nada de real: tudo, capacidade passiva ou essa capacidade pode convir ao espírito etc., isso confunde todas as definições.

honesto ao útil e que quanto mais santa é uma causa, menos ela tem a liberdade de (*postposer*) a honestidade à utilidade. Contudo, nossos teólogos nos dizem que Deus, tendo de escolher entre um mundo perfeitamente bem regrado e ornado com todas as virtudes e um mundo como este, em que o pecado e a desordem predominam, preferiu este àquele, porque ele achou melhor os interesses de sua glória. Você me dirá que não é preciso medir os deveres do Criador com a vara de nossos deveres. Mas, se você fizer isso, você cairá nas fileiras de seus adversários. É aí onde eles lhe querem, seu grande objetivo é provar que a natureza absoluta das coisas nos é desconhecida e que somente conhecemos algumas relações[19]. Não sabemos, eles dizem, se o açúcar é doce em si mesmo, sabemos somente que ele nos parece doce quando o colocamos em nossa língua. Não sabemos se essa ação é honesta em si mesma e por sua natureza, acreditamos somente que, tendo em vista fulano, com relação a certas circunstâncias, ela tem o exterior da honestidade. De outros pontos de vista e de acordo com outras relações, não é mais isso. Veja, portanto, a que você se expõe, dizendo-lhes que as idéias que temos da justiça e da honestidade sofrem exceções e são relativas. Pense ainda que, quanto mais você elevar os direitos de Deus ao privilégio de não agir de acordo com nossas idéias, mais você arruinará o único meio que lhe resta para provar que os corpos existem: esse meio é que Deus não nos engana e que ele nos enganaria se o mundo corpóreo não existisse. Mostrar um espetáculo a todo um povo sem que nada ocorresse fora da mente seria um engano: *distinguo*, você responderá; se um príncipe o fizesse, *concedo*; se Deus o fizesse, *nego*, pois os direitos de Deus são diferentes daqueles dos reis. Além disso, se as exceções que você faz aos princípios de moral são fundadas na infinita incompreensibilidade de Deus, jamais poderei assegurar-me de nada, pois jamais poderei compreender toda a extensão dos direitos de Deus. Concluo dessa maneira: se existisse uma marca pela qual se pudesse conhecer certamente a verdade, essa seria a evidência; ora, a evidência não é essa marca, visto que ela concorda com falsidades; portanto.

O abade a quem todo esse longo discurso se dirigia teve muita dificuldade para abster-se de interromper. Ele escutou somente com muitos sinais de sofrimento e, quando

[19] *O forte de sua lógica, ou de sua tópica, se reduzia a um modo*. É o da relação, o oitavo na ordem de dez, pelo qual aqueles dessa seita mostram que somente julgamos as coisas por comparação, o que eles enunciam nesses termos, *pánta prós tí*, *omnia sunt ad aliquid*, todas as coisas com relação a alguma coisa. La Mothe le Vayer, *Da virtude dos pagãos*, tomo V, p. 217.

viu que não se falava mais, pôs-se numa estranha cólera contra os pirrônicos[20] e não poupou o relator das dificuldades que eles extraíam dos sistemas de teologia. Replicou-se-lhe modestamente que se sabia que não passavam de sofismas e de dificuldades muito pequenas, mas que seria justo que aqueles, que fazem intrépidos contra os céticos, não ignorassem o estado das coisas. Você acreditou até agora, continuou-se, que um pirrônico não poderia lhe confundir, responda-me portanto: você tem quarenta e cinco anos, você não duvida disso, e se há alguma coisa da qual você está seguro é que você é a mesma pessoa a quem se deu a abadia de... há dois anos. Vou mostrar-lhe que você não tem uma boa razão para estar certo disso. Eu argumento com base nos princípios de nossa teologia. Sua alma foi criada, portanto é preciso que, a cada momento, Deus renove sua existência, pois a conservação das criaturas é uma criação continuada. Quem lhe disse que esta manhã Deus não permitiu cair no nada a alma que ele continuou a criar até então, desde o primeiro momento da sua vida? Quem lhe disse que ele não criou outra alma modificada como era a sua[21]? Essa nova alma é aquela que você tem presentemente. Mostre-me o contrário, que os demais julguem minha objeção. Um sábio teólogo que estava lá tomou a palavra e reconheceu que, uma vez suposta a criação, era igualmente fácil a Deus criar a cada momento uma nova alma e reproduzir a mesma, mas que, contudo, as idéias de sua sabedoria e, mais ainda, as luzes em que extraímos de sua Palavra nos podem dar uma certeza legítima de que temos numericamente a mesma alma hoje que tínhamos ontem, anteontem etc. E concluiu que não é preciso se divertir na disputa com os pirrônicos, nem imaginar que seus sofismas podem ser comodamente evitados somente com as forças da razão, que seria preciso, antes de tudo, fazer-lhes sentir a fraqueza da razão, a fim de que esse sentimento os leve a recorrer a um guia melhor, que é a fé. Esse é o assunto da observação seguinte.

(C) *...pode... obrigar o homem... a implorar socorro do alto e a se submeter à autoridade da fé.*

Um moderno, que havia feito um estudo mais detalhado do pirronismo que de outras seitas, considera-o como o partido menos contrário ao cristianismo e aquele “que pode

[20] Compare isso com o que La Mothe le Vayer relata na segunda parte de sua *Prose chagrine*, no tomo IX de suas *Obras*.
[21] Isto é, com a memória que ele teria reproduzido se ele tivesse continuado a criar a alma do abade.

receber mais docilmente os mistérios de nossa religião"[22]. Ele confirma sua opinião por algumas razões, depois do que fala assim[23]. "Não é, portanto, sem motivo que acreditamos que o sistema cético, fundado sobre um reconhecimento ingênuo da ignorância humana, é o menos contrário de todos à nossa crença e o mais adequado para receber as luzes sobrenaturais da fé. Nisso, dizemos somente o que é conforme à melhor teologia, visto que aquela de (nota: *A filosofia mística*, capítulos 1 e 2) Santo Denis não ensina nada mais expressamente que a fraqueza de nosso espírito e sua ignorância a respeito sobretudo das coisas divinas. É assim que esse grande doutor explica o que Deus mesmo pronunciou pela boca de seus profetas (Nota: *Posuit tenebras latibulum suum* (Psalmo, 17, 12); tradução: Ele estabeleceu as trevas como seu retiro), que ele estabeleceu seu refúgio nas trevas. Com efeito, sendo assim, não poderíamos nos aproximar dele senão entrando nessas trevas misteriosas, donde tiramos essa importante lição, que ele só pode ser conhecido obscuramente, coberto de enigmas ou de nuvens e, como diz a escola, ignorando-o. Mas, como aqueles que sempre fizeram profissão de humildade e ignorância, se acomodam bem melhor que os outros com essas trevas espirituais; os dogmáticos, ao contrário, que jamais tiveram apreensão mais forte que aquela de mostrar que ignoram alguma coisa, se perdem aí incontinentes e sua presunção de ter muita luz do entendimento para superar todo tipo de obscuridade faz com que eles se cegam tanto mais quando crêem avançar nas trevas que nossa humanidade não poderia penetrar. Seja como for, acho que a cética não é de pouco uso para uma alma cristã, quando ela faz perder todas essas opiniões magistrais que São Paulo tanto detesta." Ele se estendeu mais exatamente e mais fortemente sobre isso noutro livro[24].

Quando se é capaz de bem compreender todos os meios da *epoché* que foram expostos por Sexto Empírico, sente-se que essa lógica é o maior esforço de sutileza que o espírito humano pode fazer, mas vê-se, ao mesmo tempo, que essa sutileza não pode dar nenhuma satisfação, ela se confunde a si mesma, pois, se fosse sólida, provaria que é certo que é preciso duvidar. Haveria, portanto, alguma certeza, ter-se-ia, portanto, alguma regra certa da verdade. Ora, isso arruína o sistema. Mas não creia que se chega até aí, as razões

[22] La Mothe le Vayer, *Da virtude dos pagãos*, no tomo V das *Oeuvres*, p. 229. Veja também as *Dissertações do abade Foucher sobre a filosofia dos acadêmicos*.
[23] La Mothe le Vayer, *Da virtude dos pagãos*, no tomo V das *Oeuvres*, p. 231.
[24] Na parte II da *Prose chagrine*, no tomo IX de suas *Obras*.

de duvidar são elas mesmas duvidosas. É preciso, portanto, duvidar se é preciso duvidar. Que caos! Que tortura para o espírito! Parece, portanto, esse estado infeliz é o mais adequado de todos para nos convencer de que nossa razão é uma via de descaminho, visto que, quando ela se desdobra com o máximo de sutileza, joga-nos num tal abismo. A conseqüência natural disso deve ser renunciar a esse guia e pedir um guia melhor por causa de todas as coisas. É um grande passo em direção à religião cristã, pois ela quer que esperemos de Deus o conhecimento do que devemos crer e do que devemos fazer, ela quer que cativemos nosso entendimento à obediência da fé. Se estiver convencido que nada de bom lhe é prometido em suas discussões filosóficas, um homem se sentirá mais disposto a rogar a Deus, a pedir-lhe a persuasão das verdades em que se devem crer, do que se ele se gaba de um bom sucesso raciocinando e disputando. Conhecer os defeitos da razão é, portanto, uma feliz disposição para a fé. Daí vem que o sr. Pascal e alguns outros disseram que, para converter os libertinos, é preciso mortificá-los no capítulo da razão e ensinar-lhes a dela desconfiar. Calvino é admirável nesse pensamento. Com efeito, eis o que ele expõe na liturgia do batismo[25], isto é, eis como ele começa as lições que devem ser feitas aos postulantes do cristianismo. "Nisso[26], portanto, *Deus* nos admoesta e de nos humilharmos e desagradarmos a nós mesmos e, dessa maneira, ele nos prepara para desejar e pedir sua graça, pela qual toda perversidade e maldição de nossa primeira natureza seja abolida. Com efeito, somos capazes de recebê-la somente se, em primeiro lugar, esvaziarmo-nos de toda confiança em nossa virtude, sabedoria e justiça, até condenarmos tudo o que está em nós. Ora, quando ele mostrar nossa infelicidade, ele nos consola igualmente por sua misericórdia, prometendo-nos nossa regeneração por seu Espírito Santo em uma nova vida, a qual é como uma entrada em seu reino. Essa regeneração consiste em duas partes, não seguindo *nossa própria razão*, nosso prazer e vontade própria, mas, *cativando nosso entendimento*, e nosso coração para a sabedoria e justiça de Deus, nos mortifiquemos tudo o que pertence à nós e à nossa carne e, depois, nós sigamos *a luz de Deus*, para agradar e obedecer a seu bel prazer, como ele no-lo mostra por sua palavra e nos conduz a isso por seu espírito". Como quer que seja, há pessoas hábeis que sustentam que nada é mais oposto

[25] Note que essa liturgia está em uso nas igrejas de confissão de Genebra e, assim, as máximas que contém devem passar pela opinião geral dessas igrejas e não pela opinião particular de João Calvino.
[26] Isto é, ao nos dizer que é preciso renascer.

à religião que o pirronismo. "[27]É a extinção total, não somente da fé, mas da razão, e nada é mais impossível do que reconduzir aqueles que levaram seus desvios até a esse excesso. Pode-se instruir os mais ignorantes. Pode-se convencer os mais teimosos, pode-se persuadir os mais incrédulos. Mas é impossível, não diria convencer um cético, mas raciocinar rigorosamente contra ele, não sendo possível opor-lhe uma prova que não seja um sofisma, o mais grosseiro mesmo de todos os sofismas, quero dizer, uma petição de princípio. Com efeito, não há prova que possa concluir que, supondo que tudo o que é evidente é verdadeiro, isto é, supondo o que está em questão, pois o pirronismo consiste exatamente em não admitir essa máxima fundamental dos dogmáticos[28]." Veja Vossius, quem, tendo dito que o pirronismo e o epicurismo são muito contrários à religião cristã, confirma sua opinião com uma passagem de Clément Romain[29]. "'Informamo-nos cuidadosamente sobre as doutrinas dos filósofos, particularmente daquelas que são mais hostis à piedade para com os deuses – quero dizer, as de Epicuro e de Pirro – a fim de melhor refutá-los.' É um fato que Nicetas tinha sido epicurista, enquanto Áquila foi adepto dos pirrônicos, como o testemunha o próprio Clément no oitavo livro das *Recognitiones*, (nota: Fol. 81.6) obra que não existe em grego, mas em latim na tradução de Rufino de Aquiléia.[30]"

Note que La Mothe le Vayer exclui os pirrônicos da graça que ele fez a diversos filósofos antigos. O que ele vai nos dizer contém alguns fatos que pertencem a este artigo. "Considero desesperada a saúde de Pirro e de todos os discípulos que têm as mesmas opiniões que ele no que diz respeito à divindade. Não é que eles façam profissão de ateísmo, como alguns acreditaram. Pode-se ver em Sexto Empírico (nota: HP III, cap. 1) que eles admitiam a existência de deuses como os outros filósofos, lhes rendiam o culto ordinário e não negavam sua providência. Mas, além de que jamais reconheceram uma causa primeira que os fizesses desprezar a idolatria de seu tempo, é certo que eles não acreditaram nada da natureza divina senão com a suspensão do juízo, nem confessaram nada de tudo o que acabamos de dizer senão duvidando, e somente para se acomodarem às leis e costumes de seu século e do país em que viviam. Conseqüentemente, visto que eles

---

[27] La Placette, *Tratado da consciência*, p. 377.
[28] Essa máxima era, em outra época, mais invencível, entre as mãos, por exemplo, dos estóicos, do que o é desde que se pode sustentar *ad hominem* contra os teólogos que há proposições evidentes que são falsas. Veja, acima, observação B, a disputa dos dois abades.
[29] Vossius, *de Philosophorum Sectis*, p. 107-8.
[30] Vossius, *de Philosophorum Sectis*, p. 108.

não tiveram a menor luz dessa fé implícita, sobre a qual fundamos a esperança da saúde de alguns pagãos que a possuíram conjuntamente com uma graça extraordinária do céu, não vejo nenhuma aparência de crer que algum cético ou pirrônico dessa estirpe tenha podido evitar o caminho do inferno[31].”

(D) *que ele tenha sido louco a esse ponto*. Citemos, ainda, o sr. La Mothe le Vayer[32]. “Sei bem que Antígono Caristo dizia que Pirro não quis desviar-se de uma carroça, de um precipício, de um cão raivoso e que somente seus amigos o preservavam de todos esses inconvenientes. Mas por que acreditaríamos antes nesse Antígono do que em Enesidemo, que escreveu oito livros sobre a seita (nota: Diógenes Laércio, *Photius in Bible*) dos pirrônicos e que assegura que seu chefe jamais cometeu alguma dessas extravagâncias? Certamente, essas parecem pouco críveis e é tão difícil imaginar como um número tão grande de filósofos as teria aprovado que eu cederia de bom grado a isso se não fossem contraditas por ninguém e se o resto da vida de Pirro não os convencesse de sua falsidade. Com efeito, está-se de acordo que ele viveu quase noventa anos e que passou a melhor parte desse tempo em viagens, tendo encontrado os magos da Pérsia e entrou em contado na Índia com os gimnosofistas. É provável que um homem que se precipitasse em todos os tipos de perigos chegasse até essa idade avançada? E que pudesse ter por todas as partes amigos suficientes para livrá-lo de tantos perigos, que são quase inevitáveis àqueles que viajam pelo mundo com muita destreza e precaução? Seja como for, deve-se considerá-lo como o fundador de uma grande companhia e, por conseqüência, que era sem dúvida recomendável de diversas maneiras. Na verdade, mesmo se só tivesse ocorrido o que lemos em sua vida, bastaria, para mostrar a calúnia de seus inimigos, saber que ele foi elevado a pontífice supremo pelos concidadãos de seu país, não sendo crível que se teria dado um cargo tão importante a um homem que estivesse sujeito a tão grandes caprichos...[33]. Ele não escreveu nada, de modo que não se pode julgar sua capacidade por suas obras. Mas, além do que podemos presumir a partir de sua grande reputação, somente o privilégio de imunidade que a cidade de Élis, sua pátria, lhe concedeu em sua consideração com relação

[31] La Mothe le Vayer, *Da virtude dos pagãos*, p. 226.
[32] La Mothe le Vayer, *Da virtude dos pagãos*, p. 213-14.
[33] La Mothe le Vayer, *Da virtude dos pagãos*, p. 227.

a todos os filósofos e a honra que lhe fizeram os atenienses de dar-lhe cartas de cidadania[34], que concediam somente a poucas pessoas, bastam para nos fazer compreender o seu mérito."

(E) *A indiferença de Pirro era espantosa*. Relatarei, a esse respeito, somente um exemplo. Anaxarco tinha caído num fosso e foi visto por Pirro sem receber nenhuma ajuda. Pirro prosseguiu sem se dignar a estender a mão. Foi censurado com justiça, pois ele deveria ter ajudado nesse estado um homem desconhecido, com mais razão ele deveria ter ajudado seu professor. Você verá que o mestre sabia mais que o discípulo sobre esse ponto, pois não somente Anaxarco não se queixou de Pirro e não aprovou que o censurassem, mas também elogiou-lhe esse espírito indiferente e que não amava nada. O que se poderia fazer de mais surpreendente sob a disciplina da Trápia? "E um dia, quando Anaxarco caiu num pântano, ele seguiu sem ajudar-lhe; alguns o reprovaram, mas o próprio Anaxarco elogiou sua indiferença e sua falta de afeição."[35] Isso me lembra uma réplica que o abade de Saint Réal relatou. "Eu poderia", diz ele[36], "dar-lhe a resposta de um ancião, a quem alguém censurou que, para um filósofo, ele estimava muito pouco a filosofia; 'é isso mesmo', ele replicou, 'que se chama filosofia'." Eis o que é digno de Pirro e de Anaxarco.

Relatemos ainda esta pequena palavra. Pirro sustentava que não importa mais viver do que morrer ou morrer do que viver. Por que você não se mata?, perguntaram-lhe; por causa disso mesmo, ele respondeu, porque a vida e a morte são igualmente indiferentes. Diógenes Laércio não menciona isso, mas Stobeu conservou-o para nós. "Pirro dizia que não há diferença entre estar vivo e estar morto. Alguém lhe disse: Por que você não se mata? Porque, disse ele, não há diferença."[37] Não se diga que ele teria esquecido suas máximas, se o perigo da morte estivesse presente. Não se diga

Fora do perigo é um fanfarrão

Mas, no perigo, sua vida lhe era cara.

Ele mostrou exatamente o contrário num grande perigo de naufrágio. Foi o único a quem a tempestade não espantou e, quando ele viu os outros tomados pelo medo e pela tristeza,

---

[34] Veremos, na observação H, que isso é falso.
[35] Diógenes Laércio, *Pirro*, livro IX, número 63.
[36] *Césarion*, ou *Entretiens divers*, p. 31-2, edição de la Haye.
[37] Stobeu, *Sermões*, CXVIII.

rogou-lhes, com ar tranqüilo, para contemplar um porco que estava lá e comia como era de seu costume. Eis, ele lhes disse, qual deve ser a insensibilidade do sábio[38]. "Pois os passageiros estavam assombrados pela tempestade, mas ele, calmo, fortificava suas almas mostrando-lhes um leitão que comia no barco e dizia que é preciso que o sábio esteja na mesma tranqüilidade."[39]

(F) *Nenhum homem jamais esteve tão persuadido quanto ele da vaidade das coisas*. Ele desprezava sobretudo a natureza humana e não se cansava repetir as palavras com que Homero a comparava às folhas. *Thaumázon autòn kaì sunekhès légon*[40]. Oíeper phúllon geneé, toiéde kaì ándrôn[41]. De acordo com Gassendi, ele amava esse paralelo[42], porque via nele a mortalidade dos homens e essa inconstância de suas opiniões, que os faz balançar como folhas ao sabor dos ventos. Ele apreciava outras passagens de Homero, em que os homens são comparados aos pássaros e às moscas e em que se descrevem suas imperfeições e puerilidades[43]. "Admirando-o e repetindo sem cessar: como a geração das folhas, assim a dos homens".

"E tudo o que tende para o instável e, ao mesmo tempo, vazio e pueril nos homens"[44]. Espanta-me que não se diga que ele estimava infinitamente essa frase de Homero:

"Pois a mente dos homens que estão sobre a terra é tal
que o pai dos homens e dos deuses o conduzem dia-a-dia[45]"

Ela significa que a mente dos homens é diária e que Deus lhes dá sua provisão de razão como uma espécie de pão cotidiano que ele renova a cada manhã. Isso se encaixa maravilhosamente com a hipótese dos pirrônicos: eles investigavam sempre, não se fixavam em parte nenhuma, a toda hora eles se sentiam dispostos a raciocinar de uma nova maneira, segundo as variações das ocorrências. Um certo doutor em teologia faz o mesmo,

---

[38] Compare com isso a doutrina *de Diógenes, o cínico*, do qual o sr. du Rondel fala acima no artigo "Pereira", observação C, aux. 2 e 3, al
[39] Diógenes Laércio, livro IX, número 68.
[40] Diógenes Laércio, livro IX, número 67.
[41] É o verso 146 do Livro VI da *Ilíada*.
[42] Como se isso quisesse dizer não somente que a natureza dos homens como a das folhas é caduca, mas ainda que a opinião é inconstante e tão mutável quanto as folhas das árvores que se mexem ao menor vento. Gassendi, *de Logicae fine*, capítulo II, p. m. 70.
[43] Diógenes Laércio, livro IX, número 68.
[44] Diógenes Laércio, livro IX, número 68.
[45] Homero, *Odisséia*, XVIII, verso 135. veja Santo Agostinho, *A cidade de Deus*, livro V, capítulo 8.

se se acreditar em seu adversário: este não lhe perdoa sobretudo suas variações e suas contradições perpétuas[46]. Ele mostra-lhe que ele estabelece princípios de acordo com a necessidade que o pressiona; que, quando começam a incomodá-lo, ele os substitui por outros inteiramente contrários; e, para copiar suas expressões, ele o censura de raciocinar "dia-a-dia" e de acordo com a paixão de plantão a comandar em sua alma e, contudo, esse doutor é muito resoluto: ele nega, ele afirma magistral e prontamente. Os céticos não eram mais reservados nisso do que ele é audaz. Seria preciso não usurpar seus direitos e deixar-lhes o privilégio de raciocinar dia-a-dia, eles se atribuem isso em Cicero[47]. Além disso, a inconstância das opiniões e das paixões é tão grande que se diria que o homem é uma pequena república que muda freqüentemente seus magistrados.

(G) *Ele... partilhava os menores cuidados domésticos*. Ele levava para vender frangos, leitões etc. no mercado, varria a casa, limpava os móveis, tudo como se ele fosse o criado da casa[48]. É que tudo lhe era indiferente, ele não acreditava que uma coisa valesse mais que a outra. "Ele arrumava sua casa com indiferença.[49]" Ele se desmentia, às vezes, pois um dia se irritou com sua irmã e, quando se lhe observou que seu pesar não combinava com a indolência da qual fazia profissão, ele respondeu: você pensa que quero pôr em prática essa virtude para uma mulher? "Tendo se irritado um dia com sua irmã, ele disse, àquele que o flagrou nesse fato, que não era a propósito de uma pequena boa mulher que ele provaria sua indiferença." Não vá imaginar que ele queria dizer que ele não renunciava ao amor, esse não era seu pensamento. Ele queria dizer que nem todas as espécies de pessoas mereciam o exercício de seu dogma de não se irritar com nada. A causa de sua cólera era muito indigna de um filósofo, principalmente de tal filósofo. Ele se irritou com sua irmã por que ele se viu obrigado a comprar coisas de que ela tinha necessidade para fazer um sacrifício. Um amigo que tinha prometido fornecê-las faltou com a palavra. É o que Eusébio nos ensina. "Como sua irmã Filista fazia um sacrifício, em seguida como um de seus amigos que tinha prometido o que era preciso para o sacrifício não cumpriu sua promessa e como Pirro fazia compras com cólera, quando o amigo lhe disse que sua

---

[46] *Histoire des Ouvrages des Savans*, outubro de 1694, p. 72, no extrato do livro do sr. Saurin, intitulado *Exame da Teologia do sr. Jurieu*.
[47] *Tusculanes*, livro VI, folio 273, D.
[48] Diógenes Laércio, IX, 66.
[49] Diógenes Laércio, IX, 66.

conduta não estava em harmonia com seu ensinamento e que não estava conforme à impassibilidade, ele lhe disse: 'O que é certo é que não é à propósito de uma mulher que é preciso demonstrar isso.' No entanto, o amigo teria podido dizer com justiça que essa é inútil quando se trata de uma mulher, dum cachorro e de qualquer coisa.[50]" Com essas últimas palavras, o autor fez alusão à resposta que deu Pirro, quando foi zombado por ter fugido para se proteger de um cão que o perseguia: é difícil, ele respondeu, despojar o homem. "Antígono Caristo, que vivia na mesma época e que escreveu suas vidas, diz que Pirro, perseguido por um cachorro encontrou refúgio numa árvore. Como os que viram isso gozavam dele, ele disse que era difícil despojar o homem."[51]

(H) *Aqueles que dizem que ele obteve a cidadania de Atenas por ter matado um rei da Trácia se enganam grosseiramente*. A semelhança de nome foi a causa dessa mentira. Um certo Pithon, discípulo de Platão[52], obteve dos atenienses a cidadania, por ter matado Cotis, rei da Trácia[53]. Daí vem a mentira dos que dizem que nosso Pirro perpetrou esse homicídio e que ele recebeu essa recompensa[54].

(I) *Não tenho muitos reparos a fazer ao sr. Moréri*. Somente cinco. I) Essas palavras, Pirro "pretendia que os homens não fazem nada senão por costume" são absurdas. Ele não era suficientemente louco para dizer isso, ele sabia bem que havia filósofos que sustentavam a diferença natural entre a virtude e o vício e que uma infinidade de pessoas fazem cem coisas para se conformar às leis. Eis como ele deveria se expressar. Pirro sustentava que nenhuma coisa realmente é isso ou aquilo e que a natureza das coisas dependia das leis e do costume, isto é, que os homens, por suas leis e por seus costumes, estabeleciam que certas coisas seriam boas, louváveis, más, censuráveis etc. Essa era sua doutrina. Se Diógenes Laércio não o entendeu assim, tanto pior para ele. Falo assim porque seus termos não são tão claros que se possa sustentar que eles queiram dizer "os homens, por suas leis e costumes, fazem com que cada coisa seja tal ou tal". "E igualmente para

[50] Aristocles, *apud* Eusébio, *Preparação evangélica*, XIV, XVIII, p. 763.
[51] Aristocles, *apud* Eusébio, *Preparação evangélica*, XIV, XVIII, p. 763.
[52] Plutarco, *Contra Colotes*, perto do fim, p. 1126. Veja também *de laudando seipso*, p. 542; e *de gerenda Republica*, p. 816.
[53] Demóstenes, *Contra Aristocrates*, p. 445.
[54] Diocles o diz em Diógenes Laércio, IX, 65.

tudo, nada era segundo a verdade, mas os homens faziam tudo segundo a lei e o costume, pois cada coisa não é mais isso do que aquilo."[55] II) Não sei onde se encontrou "que ele não gostava de ser interrompido em suas meditações filosóficas". Diógenes Laércio não diz isso, ainda que ele o faça um amante da solidão, e diz mesmo que os que o interrogassem jamais ficavam insatisfeitos com a resposta[56]. III) Esse erro é muito pequeno em comparação com este aqui. "Contudo, admite-se que ele viveu oitenta anos". Isso é pretender que um homem que se divertia na solidão e que não gostava de ser interrompido quando meditava não deve viver muito. Quase todos os que meditam desejam apaixonadamente que lhe deixemos a liberdade para fazê-lo imediatamente, pois a menor interrupção faz perder tempo em voltar a se conduzir pelas vias, e se um homem deseja a solidão e se entedia com as companhias, alongamos sua vida ao permitir-lhe estar sozinho tanto quanto queira. Concluamos que o sr. Moréri se serviu de um "contudo" muito mal colocado. IV) Não se acha que Pirro tenha obtido a cidadania de Atenas. Copiou-se esse erro de La Mothe le Vayer[57]. V) Se se tivesse copiado fielmente de outra coisa, esta observação já teria acabado. Ele diz que, pelo oitavo modo da suspensão, que é o da relação, os pirrônicos "mostram que julgamos as coisas somente por comparação"[58]. O sr. Moréri acrescenta a isso o termo "preconceitos": "os céticos," ele diz, "pretendem que julguemos somente por preconceito ou por comparação". Má disjuntiva, pois o meio de que se trata aí não diz respeito aos preconceitos, ele diz respeito somente aos julgamentos que fazemos sobre as qualidades relativas, como o peso, a dureza, a grandeza, a pequenez etc.

(K) *A igualdade que ele colocava entre a vida e a morte foi elogiada por Epíteto, que, de resto, desprezava extremamente o pirronismo*. "Epíteto tinha Pirro em particular veneração, porque ele não via diferença entre a vida e a morte. Ele estimava sobretudo a réplica que ele deu[59] etc.[60] ... Ainda que estimasse muito Pirro, ele tinha um desprezo tão estranho pelos pirrônicos que não podia suportá-los. Ele disse um dia a um pirrônico que se esforçava para provar que os sentidos eram sempre enganadores: 'quem de vocês, querendo

[55] Diógenes Laércio, IX, 61, p. 581.
[56] Diógenes Laércio, IX, 64.
[57] Ver a observação D.
[58] La Mothe le Vayer, *Da virtude dos pagãos*, V, p. 217.
[59] Você a encontrará na observação E, citação 38.
[60] Giles Boilaeu, na *Vida de Epiteto*, p. 43.

ir para as estufas, foi alguma vez para um moinho?' Ele dizia comumente (nota: Arrian, livro 2, diss. c. 20): 'se eu fosse criado desses pirrônicos, eu me divertiria atormentando-os. Quando me dissessem, Epiteto despeje o óleo no banho, eu derramaria salmoura na cabeça. Quando eles me pedissem a tisana, eu lhes traria vinagre. E se pensassem em se queixar, eu lhes diria que eles se enganam e lhes persuadiria que o vinagre é tisana ou os faria renunciar às suas opiniões.[61]''

[61] Giles Boileau, na *Vida de Epiteto*, p. 49-50.